



O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO AÇAÍ: A configuração atual na Região Metropolitana de Belém

Autores:

LUZ MARINA LOPES DE ALMEIDA - CEDEPLAR UFMG - luz2808@hotmail.com

Danilo Araújo Fernandes - PPGE- UFPA - danfernandes2@hotmail.com

Ana Carolina Campos de Melo - PPGE - UFPA - carol.melo08@gmail.com

Francisco Monticeli Valias Neto - IE - UNICAMP - francisco.monticeli@gmail.com

Resumo:

Como ponto de partida a urbanização da Amazônia Oriental discute-se sobre as estruturas de organização da vida econômica no subdesenvolvimento, tendo como enfoque a economia do açaí na Região Metropolitana de Belém. Neste panorama, identificou-se o arranjo de três eixos que integram os dois circuitos da economia urbana de Belém, incluindo a produção agroextrativista e de cultivo, o mercado informal de comercialização do fruto, e o mercado de processamento e exportação do açaí, os quais estariam compondo a estrutura da vida econômica de uma região subdesenvolvida, e configurando o que denominamos de circuito espacial produtivo da economia do açaí.

O CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO DO AÇAÍ

A configuração atual na Região Metropolitana de Belém

INTRODUÇÃO

A discussão no que consiste as formas de organização da vida econômica na realidade do subdesenvolvimento, nos permite investigar quanto a natureza da urbanização e movimentos produtivos irradiados em espaços como a Amazônia. Dentre estes movimentos da economia regional nortista, o açaí segue como um produto que alcançou a condição de *commodity*, e que constitui um mercado disseminado por fluxos e processos que envolvem a produção pautada na reprodução de conhecimentos tácitos de populações tradicionais, a ampliação da escala agrícola, e a pulverização da demanda a nível extralocal. O uso do espaço das cidades em regiões do subdesenvolvimento, por sua vez, reflete a organização social destas atividades produtivas, como da economia do açaí, sob processos de distribuição, comercialização e consumo que mesclam hábitos, cultura com tendências homogeneizantes dos mercados centrais do capitalismo.

A Região Metropolitana de Belém (RMB) tornou-se lugar de encontro e central na integração e organização da economia do açaí, principalmente no que consiste a trajetória de três eixos de um sistema produtivo do fruto, o qual inclui a produção agroextrativista e de cultivo, o mercado informal de comercialização do fruto, e o mercado de processamento e exportação do açaí. Este artigo pretende a partir da discussão teórica de Roberto Côrrea e conexões entre Teoria da Localidade Central (Christaller, 1966) e Teoria dos Circuitos da Economia Urbana (SANTOS, 2008); e Circuitos espaciais produtivos (SANTOS, 1988), responder: Como se estruturam os mercados de produtos regionais - como o mercado do açaí - na urbanização do subdesenvolvimento?

A pressuposição está pautada na existência de dois circuitos da economia urbana de Região MB que agregam subcircuitos do açaí, os quais fariam parte do que estamos denominando de um circuito espacial produtivo do açaí, construído através das trocas e transações comerciais entre os circuitos da economia urbana de RMB. A primeira seção do artigo discute as estruturas da vida econômica na urbanização do subdesenvolvimento; a segunda seção debate sobre organização da economia urbana do açaí em RMB, e a última seção traz uma possível interpretação da configuração dos dois circuitos urbanos da economia do açaí.

1. AS ESTRUTURAS DA VIDA ECONÔMICA NA URBANIZAÇÃO DO SUBDESENVOLVIMENTO

1.1 Do aparato teórico dos circuitos da economia urbana

Segundo Milton Santos (2008) o espaço urbano no subdesenvolvimento estaria articulado por essas duas zonas de influência ou subsistemas, se fundamentando na premissa de circuitos superior e inferior. O circuito superior ou moderno origina-se na modernização, avanços tecnológicos e monopólios; por outro lado, o circuito inferior por sua vez associa-se a atividade de pequeno porte e amplitude, agregando em especial às populações pobres, e com relações mais estreitas e afins com a região em que vive. Cada sistema ou subsistema se manifesta e interage mediante as dimensões compatíveis e/ou interligadas social e economicamente. A concepção de dois circuitos se encarrega pela interpretação dos processos econômicos e do ordenamento do espaço (SANTOS, 2003). A interação entre estes dois subsistemas da economia urbana, constituídos de fluxos, se estabelece pela trajetória histórica e proliferação de atividades produtivas combinadas com ditames modernos no espaço.

As novas interconexões econômicas formais ou informais, em interação entre si e com a economia mundial, permitem a redefinição da dualidade *inferior/superior*. Isto demonstra-se quando artesãos, pequenos produtores e trabalhadores em geral, em esferas diferentes possam atuar no *circuito superior* através de trabalhos temporários ou em fornecimento de bens artesanais, manufatureiros, extrativos, agropecuárias, e prestação de serviços fixos, como num processo de expansão do modelo pós-industrial em busca ampliação de mercados e custos reduzidos (MONTE-MOR, 2009). No que diz respeito a combinação destas variáveis possibilitam a geração de emprego nos circuitos, sejam estes assalariados, com um número reduzido de pessoas (subsistema superior); ou com baixa remuneração, instabilidade, firmados geralmente por acordos informais entre contratado e contratante, trabalhos familiares e autônomos próprios do circuito inferior, destacando-se aqui o singular papel deste em uma extrema absorção de mão de obra da população mais pobre da cidade (SANTOS, 2003).

O circuito superior se diferencia em alto grau do circuito inferior, se articula com um grupo de atividades que não está necessariamente sob o âmbito de interesse do grande capital, atreladas a dinâmica do denominado circuito superior marginal¹, crescente em diversas economias periféricas. Corresponde atividades relacionadas a atividades e produção de insumos diretamente conectado aos elementos do circuito superior, como transportes, distribuição, abastecimento, serviços financeiros terceirizados, produção de insumos, publicidade dentre outros (DINIZ, 2016).

¹Tendo em vista o circuito superior, Santos (2008) destaca que este possui uma divisão no que tange suas atividades de fabricação em dois modos de organização, um destes corresponde ao circuito superior marginal (CSM), estabelecido mediante menores níveis de avanços tecnológicos e organizacionais, movido pela demanda original do circuito inferior ou de atividades modernas.

Santos (2008), por sua vez, proporciona através da atenção ao debate social do espaço e organização da vida econômica, a “leitura” dessas estruturas e organização dos mercados na urbanização subdesenvolvida. Desta forma evidencia-se os subsídios analíticos da Teoria das Localidades Centrais em contribuição a Teoria dos Circuitos da Economia Urbana para interpretar os efeitos desta divisão territorial do trabalho sobre o espaço subdesenvolvido. Côrrea (2014) enfatiza que uma das primeiras possibilidades de compreensão da urbanização do subdesenvolvimento advém da teoria das localidades centrais de Walter Christaller, e encaminha um possível diálogo teórico e aproximação com a teoria dos dois circuitos da economia urbana miltoniana, que propõe uma nova dimensão de análise espacial do fenômeno da urbanização. A discussão parte para pontos de convergências e complementariedade, permitindo compreender o que tais concepções permitem interpretar diante da estruturação da vida econômica do subdesenvolvimento.

1.2 Das contribuições da teoria das localidades centrais

A Teoria das Localidades Centrais, concebida pelo geógrafo alemão Walter Christaller, foi pautada nas dimensões da demanda e a oferta de bens e serviços, e na determinação do nível de centralidade de uma cidade (FRESCA 2009), a partir de princípios de organização que guiam o processo de distribuição espacial do conjunto de núcleos urbanos, suas circunvizinhanças e seus alcances (BREITBACH, 1988). A rede hierarquizada de localidades centrais corresponde a numerosas cristalizações materiais diferenciadas do processo de distribuição varejista e de serviços, manifestadas na cidade ou localidade central, a qual abriga e articula o alcance do mercado dos bens centrais, o poder de centralidade se expressa desta forma. Assim Christaller destacou em sua obra que a centralidade se manifesta economicamente, e que os bens e serviços que são centrais primordialmente, podendo ser distinguidos em dois tipos: centrais, fornecidos em poucos lugares; e dispersos, os quais podem ser encontrados em diversas localidades (CORRÊA, 1988).

As localidades centrais possuem comando sobre hinterlândias, com as quais estabelece relações comerciais de oferta de cada bens e serviços, envolvendo custo de deslocamento, dentre outros fatores determinam se alcances espaciais que podem ser máximos ou mínimos (BRAGA, 2008). A forma como se distribui a população no espaço determina a proporção de bens que são consumidos, desta forma Christaller estabelece que o consumo de um bem central depende da distância em que os consumidores estão do eixo central, ou seja, o custo de acesso. As condições de fluxo de bens demonstram a dimensão da região complementar. (BREITBACH, 1988). Os pressupostos da teoria das localidades centrais agregam componentes e processos que configuram uma rede de lugares centrais, e também a natureza da organização social e econômica no espaço, sendo tais formatações passíveis de serem percebidas no processo de urbanização de países e cidades da realidade subdesenvolvida (CORRÊA, 1988).

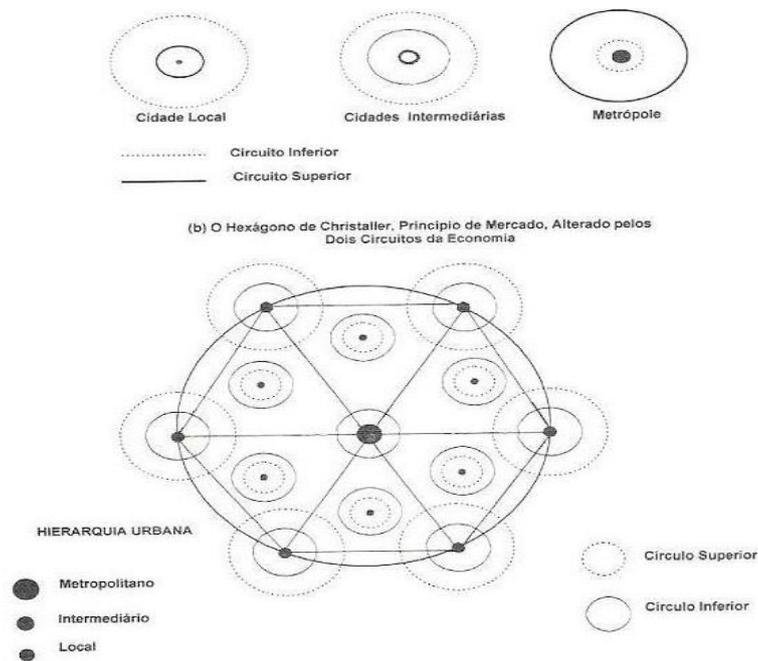
1.3 Das conexões da teoria das localidades centrais e os circuitos da economia urbana

Segundo Côrrea (2014), a concepção dos dois circuitos da economia urbana evidencia-se como vertente extremamente frutífera e enriquecedora a investigação da organização espacial no subdesenvolvimento e da teoria de localidades centrais, considerando as variabilidades espaciais da relevância de cada circuito e também a complexidade na relação destes. Em um processo de bipolarização, uma região e suas localidades centrais desenvolvem duas realidades interconectadas: a) o circuito superior que agregam a comercialização de bens e produtos modernos, os quais estão sob o comando de grandes monopólios capitalistas e dos fluxos mercadológicos nacional e internacional, e b) o circuito inferior, das camadas de menor poder aquisitivo, de produtos mais simples, cuja circulação é local/regional, em busca da sobrevivência no mercado, por meio de conhecimento tácito, capacidade de resiliência e alto potencial criativo.

As redes de localidades centrais e os dois circuitos da economia podem ser assimilados pela noção de estruturas territoriais (BUCH e NIELSEN, 1977 apud Correa, 2014) ou configuração espacial (CORAGGIO, 1977). Corresponde ao aglomerado de cristalizações materiais atreladas a processo de produção, circulação, distribuição e consumo no espaço, ou seja, a representação da dinâmica e funcionamento de um sistema de produção, o qual inclui heranças de modo de produção preexistentes ou dominados, e da inserção de condições de reprodução do sistema de produção dominante, vulgo, ao processo de acumulação capitalista.

A materialização destas configurações espaciais está vinculada a efetivação de mercado distribuidor, nos processos de compra de bens para consumo final e determinação da divisão territorial do trabalho. Este mercado distribuidor capitalista organiza-se em um sistema de distribuição espacialmente extenso e complexo, uma Rede de Localidades Centrais (RLC), que segundo Corrêa (2014), tem sua variabilidade expressa por Christaller, possibilitando a interpretação de regiões periféricas. No subdesenvolvimento, as RLC encontram-se ao lado de setores regionais, rede semelhante ao esquema christalleriano, podendo se organizar em três principais formatos, que não se excluem, e podem se desencadear no mesmo território compondo uma rede regional: a rede dendrítica, os mercados periódicos, e o desdobramento da rede em dois circuitos. A discussão, entretanto, restringe-se especificamente as conexões teóricas com os circuitos da economia, tendo como foco a análise das configurações espaciais da urbanização no subdesenvolvimento.

Figura 1: Os dois circuitos da economia urbana pela estrutura de rede de centros urbanos



Fonte: Corrêa, 2014.

A relação estas configurações espaciais distintas encontram diálogo teórico, através da estruturação da hierarquia urbana que englobam três níveis – a metrópole, a cidade intermediária e a cidade local. Tal estrutura se condensa através do estabelecimento dos alcances espaciais máximos e mínimos. O circuito inferior possui alcance espacial mínimo “menor” nas três esferas hierárquicas, enquanto o alcance espacial máximo encontra-se maior na cidade local do que na cidade média (CORRÊA, 2014). Na metrópole o circuito inferior, dispõe de atividades, bens e serviços em prol da população pobre, enquanto que na cidade local este circuito possui alcance espacial máximo fortemente estendido.

Tratando do circuito superior identifica-se que o alcance espacial mínimo possui significativa proporção tanto na metrópole quando na cidade intermediária, e na cidade local se torna relativo dadas as possibilidades de inserção do grande capital mais distantes dos grandes centros. O alcance espacial máximo neste circuito, é inexistente na cidade local, e se faz presente na cidade intermediária e na metrópole. Através do circuito superior que a metrópole dissemina sua centralidade através da distribuição dos bens e serviços de forma descontínua por destinar-se a estrita camada social (CORRÊA, 2014). No que tange a figura 2, compreende-se que as cidades intermediárias atuam através dos dois circuitos, as cidades locais se desenvolvem através do circuito inferior, e a metrópole por meio do circuito superior.

A figura 2 demonstra este cenário, a cidade local operando por meio do circuito inferior, e a metrópole expressa sua centralidade através do circuito superior. Já as cidades intermediárias agregam centralidades de ambos os circuitos. A representação manifesta o esforço de Corrêa (2014) em expressar a rede de localidades centrais christalliana de acordo

com os dois circuitos da economia, mediante o princípio de mercado, alocando as zonas de centralidades distintas em cada centro. Por meio dos movimentos de mercado do circuito superior o centro metropolitano dissemina sua centralidade, mas não necessariamente sobre áreas contínuas, pois a circulação e distribuição de bens e serviços pela metrópole esta pautada em descontinuidades espaciais, o que surge devido ao direcionamento do circuito superior estar em prol das atividades modernas e da população de alta renda consumidora deste circuito (SANTOS, 2008).

Roberto Corrêa (2014), entretanto identificou na concepção miltoniana a fundamentação evidente dos circuitos como análise da divisão da vida econômica no subdesenvolvimento, a materialização de mercados que convergem e se complementam na dinâmica dos circuitos superior e inferior, são causa e efeito do processo de disparidades na distribuição de renda e na distribuição qualitativa e quantitativa de consumo. Em suma o apogeu do mercado distribuidor capitalista, apenas ocorre no subdesenvolvimento por meio da capacidade dos bens centrais de atraírem ou atingirem os mais inúmeros espaços, em níveis diferentes de alcance espacial, como causa e efeito da disseminação das condições de produção capitalista adicionada a estruturas territoriais preexistentes e tradicionais, arreigadas de cultura e história local resistente ao tempo.

O estabelecimento de uma rede de localidades centrais, materializa-se através da estruturação desenvolvida pelos dos circuitos da economia urbana, na medida que cada centro ou localidade urbana atue de forma simultânea em ambos os subsistemas, ou seja, cada localidade central possua duas áreas de influência (SANTOS, 2008). A rede de localidade central, em verdade representa uma das dimensões espaciais dos dois circuitos da economia urbana. A concepção dos circuitos evidencia a configuração problemática dos países subdesenvolvidos, da restrição de acesso a bens e serviços, da distribuição desigual de renda e das várias formas de exploração social em prol da acumulação do capital. Desta forma, segundo Corrêa (2014), a fundamentação dos circuitos da economia urbana ultrapassa o alcance interpretativo da rede de localidades centrais (SANTOS, 2006).

As conseqüências das relações entre os circuitos, indica a existência de inúmeras cadeias de comercialização (CÔRREA, 2014). O desencadeamento de distintas e variadas cadeias de comercialização na dinâmica de ambos os circuitos, torna possível analisar fluxos materiais de um mercado específico, de um produto ou bem em especial, em lugares centrais, espaços urbanos periféricos de altos níveis e alcance de centralidade no espaço. As relações entre os dois circuitos da economia urbana resulta em formas de cadeias comerciais no espaço, advindas da atuação e consumo dos agentes econômicos, e que a depender da origem dos produtos, da localização entre intermediários e consumidores, que permitem o surgimento de formas de organização de mercados e da vida econômica mais complexa e ampla espacialmente.

1.4 Discutindo sobre os circuitos espaciais produtivos

No que consiste os estudos sobre a configuração dos sistemas na urbanização do subdesenvolvimento e dentre as configurações espaciais encontra-se proposta de abordagem pela concepção de circuito espacial produtivo, no que tange a atenção da organização produtiva no espaço geográfico. O intuito deste aparato teórico está nos

resultados da espacialização e implicações sócioespaciais da adaptação de lugares, regiões e territórios diante das diretrizes competitivas do mercado e o papel da lógica espacial de localização das atividades econômicas, produtivas e na dinâmica dos fluxos (CASTILLO E FREDERICO, 2010).

Analisar tais circuitos elucidada quanto a organização local e seu posicionamento frente a hierarquia da produção capitalista. Cabe enfatizar, segundo Santos (1988), que "discutir os circuitos espaciais da produção é discutir a espacialização da produção distribuição-troca-consumo como movimento circular constante. Captar seus elementos determinantes é dar conta da essência de seu movimento". Este circuito agrega agentes e empresas dos circuitos superior e inferior, ou seja, um sistema complexo que demonstra as intersecções socioeconômicas entre os demais subsistemas e agrega todos os parâmetros produtivos existentes.

Os circuitos produtivos se articulam cada vez mais com alcances globais, permitindo interações "entre o lugar e o mundo, através da circulação de matéria (fluxos materiais) entre as instâncias produtivas (produção, distribuição, troca e consumo) de um determinado bem ou produto, num movimento contínuo" (FREDERICO, 2014).

A primeira manifestação da temática surge no chamado projeto "MORVEN: Metodologia para o Diagnóstico Regional", desenvolvido pelo *Centro de Estudios del Desarrollo* (CENDES) da Universidade Central da Venezuela, em meados do fim da década de 1970 (MORAES, 1985 apud CASTILLO; FREDERICO, 2010). Uma das criadoras do projeto, Sonia Barrios (1976), elucidou que os circuitos de produção e acumulação se configuram e estruturam por meio uma atividade produtiva determinada como primária, e dentro destes circuitos estão uma diversidade de etapas, fase ou níveis vinculados aos diferentes processos de transformação pelos quais o produto principal passa até atingir o consumo final.

Segundo Santos (1988), este projeto enumera a existência de três circuitos distintos que seriam: o "circuito por ramos", o "circuito de firmas" e o "circuito espacial ou territorial". O circuito por ramos, corresponde a dinâmica de relações sociais e técnicas, à localização das atividades produtivas e aos padrões de localidades. O circuito de firmas refere-se a atuação de empresas, as relações econômicas e a manifestação de distintos níveis de círculos de cooperação. E o circuito espacial engloba os demais circuitos, demonstrando os fluxos e relações de uso do território estão estabelecidos por ramos produtivos e pelas firmas simultaneamente. Um circuito de grande amplitude, evidenciando a cada instante a situação de cada porção espacial em função da divisão territorial do trabalho de um país.

Segundo Castillo e Frederico (2010) o denominado circuito espacial produtivo ressalta a centralidade da circulação, ou seja, do **circuito** no encadeamento fases produtivas; o papel e estado do **espaço** na reprodução social; e o enfatiza de acordo a tipologia da atividade **produtiva** predominante. O espaço, por sua vez, deve ser assimilado como fator social, uma conjuntura nas qual elementos e funções distintas direciona e modifica a produção e a reprodução social. Já a noção de "produtivo" origina-se no parâmetro do setor ou ramo de atividade, cada um de forma específica agrega diferentes agentes, organizações

e instituições. A ênfase no produto distingue o conceito de circuito espacial produtivo da concepção dos dois circuitos da economia urbana, segundo Santos (2008).

Entende-se a partir desta fundamentação, que a simples ação de consumir um produto conecta diferentes indivíduos a um circuito espacial produtivo que ultrapassa os limites territoriais do país, envolvendo inúmeros agentes em distintas escalas. Diante das perspectivas teóricas apresentadas, buscou-se fundamentar a investigação sobre as estruturas nas quais se construíram um sistema produtivo e transescalar do açaí a partir da cidade de Belém. Desta forma através da formação urbana de Belém como lugar central, investigou-se como se organizou a divisão da vida econômica no mercado de um produto regional pluridimensional.

2. A CONFIGURAÇÃO DA ECONOMIA URBANA DO AÇAÍ EM RMB

2.1 O potencial espacial-produtivo da economia do açaí em Belém e no Estado do Pará

O sistema produtivo e de comércio da fruticultura no Pará, detém no mercado do açaí grande potencial e possibilidades de transformações em favor da população amazônica. Sob a ótica da dinâmica do processamento de frutos, o açaí possui papel de destaque, inicialmente ocorrera a predominância de estruturas produtivas voltadas, notadamente, para a demanda regional, baseadas em trabalho familiar, espacialmente difusas, com pequena escala de produção e que processam matéria-prima nativa que tem origem no agroextrativismo. Entretanto por conta do crescimento do mercado extralocal, há experiências de industrialização da fruta por estruturas produtivas compatíveis com a produção em média e larga escala, que passaram a atender uma demanda em expansão (mercado nacional e internacional), ancoradas tanto na produção agrícola, cultivo em terra firme por irrigação; como agroextrativista, predominante em áreas de várzea (COSTA et. al. 2003, 2006). A produção das ilhas fornecem diretamente e continuamente ao mercado informal da RMB, abastecendo as principais feiras livres/portos de Belém - a Feira do Ver-o-Peso, Porto do Açaí, Porto da Palha e o Porto de Icoaraci.

De acordo com estimativas realizadas por Diniz (2016), a economia local do açaí representava cerca de 5% do PIB agregado dos municípios das mesorregiões do Nordeste Paraense, Marajó e Metropolitana de Belém), incluindo Belém e seu PIB de R\$ 20,4 bilhões, estimados para o ano de 2010. Desconsiderando a participação da capital, esta participação passa para 10% PIB agregado destes municípios. Cerca de uma década anterior, esta participação estava em torno de 33% a menos do que em 2010. Ressalta-se um complexo sistema produtivo do açaí que abastece distintos mercados, e depende inteiramente da divisão sócioterritorial do trabalho no estuário amazônico e nas mesorregiões do Nordeste Paraense, Marajó e Metropolitana de Belém, que englobam diversas cidades ribeirinhas, comunidades pelo estado e próximas a Belém. Estima-se que aproximadamente 166.509 hectares foram destinados a área de colheita, cadastradas no IBGE de acordo com dados de

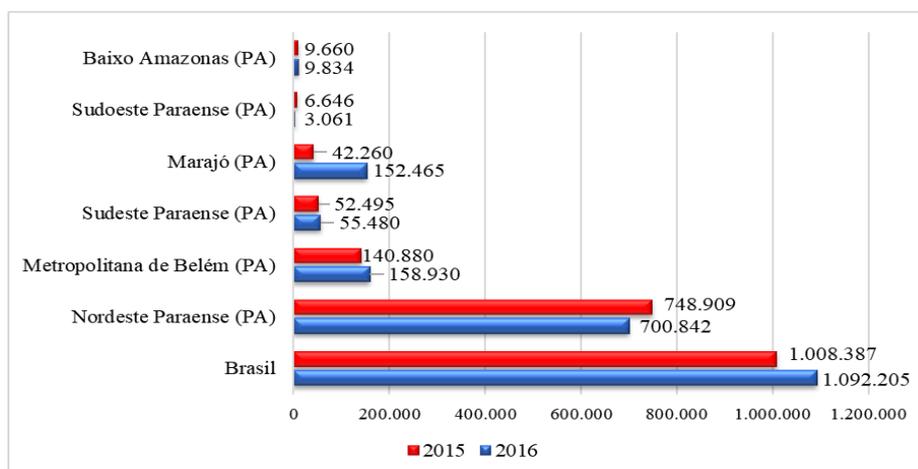
2016 (PAM- IBGE, 2017). Cerca de 771 famílias que residem nas ilhas de Belém estão registradas em assentamentos do Programa de Assentamentos Agroextrativistas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2015).

A representatividade desta economia na região, em vista de uma oferta de açaí quase que totalmente concentrada no Estado do Pará, alcança cerca de 61, 15% da produção nacional extrativa e 99 % da produção agrícola do fruto (IBGE, 2017), sendo este o maior produtor de açaí, atingindo em 2015 um milhão de toneladas, com área plantada e manejada de cerca de 154 mil hectares (IBGE, 2017). Representa uma nova dinâmica econômica e territorial que tem se imposto de maneira decisiva sobre a região do estuário ou foz do rio Amazonas, nas proximidades de Belém. Esta nova dinâmica alterou a escala e os padrões de consumo desse produto na economia local, e impulsionou a utilização de novas tecnologias de produção, distribuição e processamento industrial do produto, no sentido da alteração de determinados padrões tradicionalmente já estabelecidos como forma de produção e consumo do fruto na região.

A dinâmica da produção extrativa de açaí no Pará concentra-se em grande parte nas mesorregiões do Marajó, do Nordeste Paraense e da Metropolitana de Belém. A mesorregião do Marajó vem apresentando reduções, tendo uma perda de 2,89% em 2016 em relação a 2015, passando para 32.172 mil toneladas em 2016. O Nordeste paraense tem apresentado crescimentos desde 2009, alcançando a produção de 87.350 toneladas de açaí extrativo em 2016, obtendo um crescimento de cerca de 8,34% de 2015 a 2016. A mesorregião Metropolitana de Belém corresponde a terceira maior área de produção agroextrativista de açaí. Apesar de produzir cerca de 9.331 mil toneladas de açaí extrativo, que são destinados ao consumo interno doméstico, de empresas atacadistas e indústrias, esta mesorregião possui papel estratégico quanto capacidade aglutinadora, transescalar de negócios e comercialização popular e privada, em uma forte conexão com as outras duas mesorregiões citadas (IBGE, 2017). As mesorregiões do Nordeste Paraense, Marajó e Metropolitana de Belém apenas dividem a alta participação na produção extrativa com as mesorregiões do Centro Amazonense (AM) com 40.955 toneladas, Sul Amazonense (AM) com 12.796 toneladas e Oeste Maranhense (MA) com 15.461 toneladas (PEVS-IBGE, 2017).

No que consiste a produção agrícola municipal, considerada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) produção agrícola a partir de 2015, ressalta-se a razão da ascensão da produção em larga escala do fruto segundo o gráfico 1, na qual o estado Pará predomina com uma participação de aproximadamente 99% da produção nacional. No ano de 2016 a PAM (Produção Agrícola Municipal) apontou o alcance produtivo de 1.080.612 toneladas de açaí, concentrada especialmente nas mesorregiões do Nordeste paraense e Metropolitana de Belém. O valor desta produção no mesmo ano atingiu cerca de R\$ 7.864.995,00, advindo de aproximadamente 166.464 hectares de área colhida, de um total de 166.509 de área destinada a colheita. Em destaque os municípios de Igarapé Miri, Cametá e Abaetetuba atingiram as maiores proporções em produção agrícola do fruto, com certa de 305.575 toneladas, 112.000 toneladas e 109.200 toneladas respectivamente.

Gráfico 1: Produção de agrícola de Açaí por Mesorregião do Estado do Pará em toneladas



Fonte: PAM-IBGE, 2017.

As pressões da demanda induziram a modificações técnicas e de escala na produção do açaí, que no próprio território de várzea resultam no maior alcance da produtividade do fruto, tomando dimensões intensivas de produção, e demonstram a tendência a especialização regional produtiva do açaí concentrada no Nordeste Paraense. Este panorama demonstra os efeitos das mudanças sobre o uso do território pelos impulsos do mercado, transformando as bases tradicionais e manejando a própria composição da florestal em prol da larga escala do produto primário. Da dinâmica local e indústria emergente, surgem novas tecnologias de produção, distribuição e processamento industrial do produto, no sentido da alteração de determinados padrões tradicionalmente já estabelecidos como forma de produção e consumo do fruto na região.

3. INTERPRETANDO A CONFIGURAÇÃO DOS DOIS CIRCUITOS URBANOS DA ECONOMIA DO AÇAÍ

3.1 Os dois circuitos da economia urbana da RMB e a sua dinâmica territorial recente

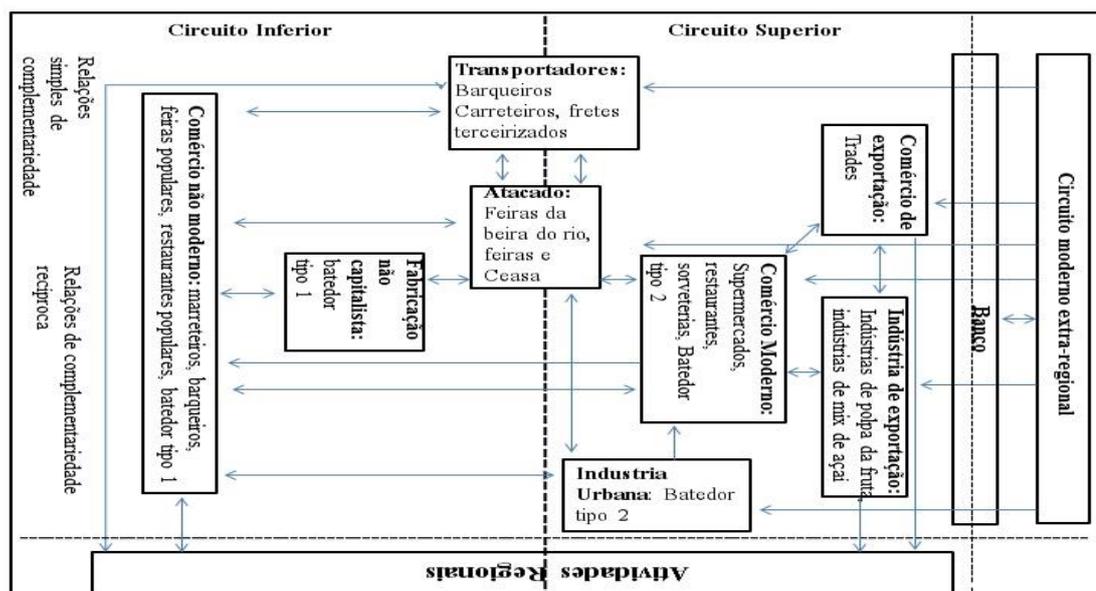
O mercado do açaí, componente da economia urbana de RMB, passa a ser interpretado por meio das peculiaridades do funcionamento dos dois subcircuitos. Primeiramente, apresenta-se um esquema de componentes que, segundo Santos (2008), são características dos dois circuitos da economia urbana em regiões periféricas, vistos de uma maneira mais geral (figura 2). O circuito superior, neste esquema, é composto por bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior, por sua vez, é composto em nosso modelo por firmas de fabricação não-“capital intensivo” ou de fabricação não-capitalista, serviços não-modernos, comércio não-moderno, atividades estabelecidas mediante dadas relações hierárquicas, de complementariedade simples e recíproca. Cada circuito, portanto, se

constitui de um conjunto de atividades específicas composta por segmentos da população que se ligam aos diferentes circuitos propostos por Santos (2008) por meio de determinadas atividades ou formas de consumo. Ambas podendo ser classificadas como modernas ou não-modernas.

Neste contexto, o chamado circuito inferior da economia do açaí na RMB é tido como englobando todo o mercado informal atrelado às atividades que dependem do trabalho intensivo. Ou seja, produtores do setor extrativo, peconheiros, atravessadores, marreteiros, barqueiros, carregadores portuários, carregadores de carro de mão, maquineiros ou batedores da fruta, feirantes e ajudantes dos feirantes. Este circuito inferior também diferencia-se do circuito superior, segundo Santos (2008), por não apresentar uma organização burocratização formal, assim como: por apresentar um baixo nível de capitalização na comercialização do açaí; um volume de estoque insuficiente ou pequeno frente as demandas do mercado; produtos de qualidade inferior; pouco acesso a créditos pessoais; margem de lucro grande por unidade do produto (mas reduzida em relação ao volume de negócios) e uma relação direta com clientes (seja em feiras que comercializam açaí ou nos pontos de batedores nos bairros da periferia da cidade).

Confirma-se a existência de uma organização do circuito inferior da economia do açaí composto pelo comércio não moderno e fabricação não capitalista, os quais possuem interações entre si, com os elementos de atividades mistas, os transportadores e atacadistas, e com elementos do circuito superior, considerando trocas estabelecidas do comércio não moderno, com indústria urbana e o comércio moderno, e da fabricação não capitalista com o atacado representado pelas diversas feiras presentes no circuito inferior, havendo também a conexão entre atacado e transportadores.

Figura 2: Quadro de elementos dos circuitos da economia urbana do açaí na RMB



Fonte: SANTOS, 2008. Elaboração própria.

Sendo assim, como componentes do subsistema superior, foram considerados na figura 2 a indústria urbana formada por batedores de açaí em formato de empresas comerciais modernas (Batedor tipo 2), o comércio moderno (supermercados, restaurantes, sorveterias), bancos, comércio de exportação (trades) e indústria de exportação de polpa de fruta e mix de açaí, ambos constituídos por grupos empresariais ou pequenas empresas com padrões organizacionais modernos. No circuito inferior, por sua vez, foram enquadrados o comércio não moderno (em sua grande parte formado por pequenos comerciantes, feirantes, marreteiros, atravessadores, barqueiros e carregadores de carro de mão), fabricas não-capitalista (batedores artesanais de açaí com características de produção artesanal e familiar – Tipo 1).

No circuito inferior a existência do batedor tipo 1, corresponde ao papel dos batedores artesanais que atuam em pontos de venda por toda a extensão da RMB, compondo os elementos da fabricação não-capitalista. O comércio não moderno além de integrar a comercialização pelos batedores tipo 1 na cidade, inclui produtores agroextrativistas, em especial que residem nas ilhas de Belém, os negociantes, feirantes, atravessadores, restaurantes populares, barqueiros, dentro outros. Conforme se pode verificar na figura 2, entre os elementos intermediários, destaca-se a presença também de agentes de atuação mista, conforme identificados inicialmente por Santos (2008), e representados pelos transportadores e atacadistas.

Considera-se que a indústria de processamento do açaí e de mix industrial para exportação corresponde ao circuito superior; por apresentar as principais características deste circuito conforme características apontadas por Santos (2008). Entretanto, destaca-se que este circuito possui uma subdivisão no que tange suas atividades de fabricação, a qual pode vir a caracterizar dois modos de organização básicos: o modo próprio do circuito superior (CS), e o circuito superior marginal (CSM). Este último, o qual poderia caracterizar, no caso da economia do açaí, o formato produtivo da indústria de processamento de polpa com menores níveis de avanços tecnológicos e organizacionais, movido pela demanda original do circuito inferior, ou a partir de atividades modernas, mas mesmo assim periféricas.

O comércio moderno do açaí em Belém evidencia-se pela existência de sorveterias tradicionais, de venda da polpa do açaí em supermercados, restaurantes e pelo batedor tipo 2, caracterizado pela pequena empresa de média escala localizada em bairros centrais de classe média e alta, assim como as sorveterias e restaurantes citados. A indústria urbana no que tange o mercado do açaí também pode ser representada pelo batedor tipo 2, em última instância. A indústria de exportação, elementos do circuito superior do açaí, agrega empresas de processamento da polpa e outras que além deste processo fabricam mix de açaí. Determinadas empresas deste circuito encontradas na RMB e no Nordeste Paraense – principalmente em Castanhal - apresentam uma organização produtiva própria do circuito superior marginal, por não apresentarem altos níveis tecnológicos e capacidade organizacional.

Apesar de apresentar fragilidades tecnológicas, no *circuito superior*, a expansão do processamento para outros estados do Brasil, e do mercado consumidor externo (nacional e internacional) resultou na diversificação do uso da polpa do açaí; levando a ampliação da

escala de produção média, alteração da planta das fábricas das agroindústrias e diversificação da linha de produção com a criação de uma oferta de mixes do açaí com outras frutas, cereais, guaraná, etc. Isto demonstra a ocorrência de transformações neste segmento, na forma de organização fora do mercado belenense e paraense, com o surgimento e utilização de novas tecnologias, técnicas e estruturas organizacionais, ou seja, em formato produtivo mais característico do circuito superior.

3.1.1 Circuito superior da economia urbana do açaí na RMB

Tendo por parâmetro o arcabouço teórico miltoniano sobre os circuitos da economia urbana, discute-se a composição de uma das extensões do denominado circuito superior da economia belenense, materializado no mercado do açaí, ou em um próprio circuito superior da economia urbana do açaí. O subsistema agrega diferentes agentes econômicos representados pelas empresas e redes varejistas, atacadistas, da gastronomia e restaurantes gourmet, indústrias de processamento do fruto, tradings, empresas exportadoras de polpas e mixes, segmentos que impulsionaram a ampliação da participação da produção voltada para o mercado internacional, tanto pela inserção de empresas com este foco, como mudança de mercado de algumas empresas que passavam por dificuldades no mercado nacional, das quais inúmeras de médio porte buscaram a especialização para atender quase que prioritariamente ao consumo externo (COSTA et. al, 2012).

No caso do mercado de processamento de polpa de açaí, ocorrera um processo de beneficiamento e congelamento, quadruplicando o consumo local, antes restrito ao período da safra. As transformações tecnológicas, mudaram a dinâmica de beneficiamento efetuado pelas amassadeiras de açaí para processamento operado por bateadeiras elétricas, e mais recentemente por máquinas industriais de maior porte de processamento possibilitando interferência no cenário e nos resultados das exportações nacionais e internacionais (HOMMA, 2014).

Ressalta-se que a ampliação do consumo de mix de açaí por meio de sua distribuição através da cadeia de supermercados e/ou lojas e restaurantes especializados na produção e consumo de açaí, surgem também de transformações e influências sobre os padrões produtivos que passam atingir novas conexões através do papel estratégico da cidade de Belém, como eixo articulador e elo de distribuição do açaí tanto para o consumo local e regional *in natura*, como através da rede de produção e distribuição de sua polpa para os mercados locais, nacionais e internacionais.

O circuito superior marginal traz caracteres residuais, mais presentes em cidades intermediárias, neste âmbito empresas médias e pequenas podem dividir o mesmo mercado com grandes empresas sem inúmeras desvantagens, ao contrário, empresas menores obtêm certas vantagens principalmente na reduzida cobrança de impostos, baixa despesa com publicidade e menores salários, estas e outras facilidades possibilitam a continuidade destas empresas no mercado. Considera-se em última instância, que a indústria de processamento de polpa de açaí presente no Nordeste Paraense e na RMB, corresponde um circuito superior marginal, pela condição ainda emergente e tecnologicamente incipiente das

indústrias presente nessa região, não necessariamente utilizando tecnologia de ponta e fornecendo alta sofisticação na produção e diversificação do produto.

A expansão do mercado consumidor externo (nacional e internacional) resultou na diversificação do uso da polpa do açaí levando a ampliação da escala de produção média, alteração da planta das fábricas das agroindústrias e diversificação da linha de produção com a criação de uma oferta de mixes do açaí com outras frutas, cereais, guaraná, dentre outros ingredientes.

No que se refere amplitude do mercado de exportação interestadual das empresas processadora do fruto e de mixes integrantes do circuito superior da economia urbana do açaí, alcançam o maior volume comercializado para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que respondem por três quartos do total no ano de 2014, conforme a tabela 1 (TAVARES; HOMMA, 2015).

Tabela 1: Quantidade de polpa de açaí vendida por Estado de destino 2014 (t)

Destino	Quantidade	%
São Paulo	14.975	29,88
Rio de Janeiro	14.062	28,06
Minas Gerais	9.207	18,37
Distrito Federal	2.816	5,62
Espirito Santo	1.688	3,37
Ceará	1.668	3,33
Goiás	1.239	2,47
Bahia	934	1,86
Rio Grande do Norte	592	1,18
Outros	2.936	5,86
Total	50.117	100,00

Fonte: Sefa 2014 apud Tavares e Homma, 2015.

A partir dos dados de 2014, estima-se que 50 mil toneladas de polpa de açaí foram comercializadas para outros estados, e cerca de 5 mil a 6 mil toneladas são exportadas para 31 países, com predominância dos Estados Unidos e Japão. A tabela 1 demonstra a redução na predominância dos Estados Unidos na importação da polpa de açaí, país que alcançava cerca de 84,65% da quantidade total exportada em 2012, e contrapartida o Japão apenas 10,12%. Em 2014, a importação americana reduziu para 48,77% e o Japão aumentou para aproximadamente 41,66%. O preço médio destinado ao Japão, torna-se superior em decorrência da comercialização do chamado açaí grosso, em uma estratégia de compensar o frete à longa distância. O restante, 9,57% é destinado para 29 países, de forma irregular, com dominância do mercado europeu.

Tabela 2: Destino da exportação de polpa de açaí do Estado do Pará, porcentagem, valor e preço

Ano	EUA			Japão			Outros Países	
	Quant (%)	Valor (US\$1,00)	Preço (US\$)	Quant (%)	Valor (US\$1,00)	Preço (US\$)	Quantidade	Valor (US\$1,00)
2012	84,65	13.688	3.947	10,12	2.422	2.667	5,23	1.187
2013	54,93	7.246	4.616	37,50	7.890	2.893	7,57	1.246
2014	48,77	8.361	5.790	41,66	12.023	3.489	9,57	2.140

Fonte: Sefa 2014 apud Tavares e Homma, 2015. Outros países: Abu Dhabi, Alemanha, Angola, Argentina, Austrália, Bélgica, Canadá, China, Coreia do Sul, Dinamarca, Emirados Árabes Unidos, Eslováquia, Estônia, França, Holanda, Inglaterra, Israel, Noruega, Nova Zelândia, Peru, Porto Rico, Portugal, República Tcheca, Rússia, Singapura, Suécia, Suíça, Taiwan, Uruguai.

No ano de 2012 o total exportado atingiu cerca de 6.061.194 kg de polpa de açaí, com valor de US\$ 17 milhões. Com a crise econômica nos Estados Unidos, acredita-se nesta como causa da retração no volume exportado, contudo ainda neste contexto em 2013 foram exportados 4.559.021 kg de polpa no valor de mais de US\$ 16,38 milhões. A proporção exportada em 2014 alcançou cerca de 4.983.812 kg (4 mil toneladas) do produto, tendo como rendimento US\$ 22,523 milhões, representando cerca de 84% do volume total da pauta de exportação de sucos do Estado do Pará (SEFA 2014 apud TAVARES E HOMMA, 2015).

No que tange o crescimento do mercado exportador um dos componentes principais do circuito superior do açaí, atribui-se o aumento da capacidade de abastecimento do mercado nacional e internacional nas novas dimensões técnicas e práticas de produção, amplamente impulsionada pela produção agrícola do açaí das mesorregiões do Nordeste paraense e Metropolitana de Belém. A RMB neste sentido, tornou-se um polo de instalação de pequenas e médias indústrias de processamento do açaí, incluindo em especial disseminação de empresas concentradas na cidade de Castanhal. Vários canais de comercialização vão se intensificando entre as regiões de produção, possibilitando redes de distribuição e consumo através do abastecimento de municípios como Cametá, Igarapé Miri e Abaetetuba (COSTA, 2012).

3.1.3 Circuito Inferior da economia urbana do açaí na RMB

O circuito inferior da economia do açaí possui maior complexidade em sua composição e organização, e representatividade na economia do açaí. Engloba agentes econômicos de diversas localidades e cidades ribeirinhas de Belém, e um mercado popular urbano representado especial pela comercialização em feiras e pelos pontos de venda de batedores do fruto espalhados pela cidade e toda sua RMB. Incluindo também ao grupo de agentes do circuito inferior de produção do açaí, encontram-se: produtores agroextrativistas, peconheiros (trabalhadores que colhem o açaí da palmeira), atravessadores (indivíduo que compra o açaí do produtor e entrega para o marreteiro), marreteiros (negociantes), barqueiros, carregadores portuários, carregadores de carro de mão, maqueiros (batedores da fruta, feirantes e ajudantes dos feirantes).

Este conjunto de agentes e atividades não é fixa, em alguns casos, por exemplo, o próprio produtor pode realizar o transporte, o negociante e o feirante pode ser marreteiro e maquinheiro, dentre outros casos. Os trabalhadores e produtores agroextrativistas assumem atuação mista, seja na produção da várzea ou integrando o comércio realizados em portos e feiras da capital. Os trabalhadores do circuito inferior presente no mercado popular incluem dos feirantes aos carregadores, também podem ser caracterizados como ribeirinhos, ao passo que vivem um cotidiano atrelado e enraizado nas relações com o rio (SILVA E MALHEIROS, 2005, p. 165 in MONTENEGRO, 2014, p. 207).

O centro de Belém por sua vez concentra grande parte do circuito inferior tendo em vista que agrega pequenos comércios, feiras, serviços variados e ambulantes. Desta forma, também, a orla de Belém e os bairros periféricos, espaços que abrigam o circuito inferior em forma de feiras, pequenos comércios e portos que recebem habitantes de outras localidades e diversas mercadorias advindas das ilhas. Os circuitos da economia urbana estruturam o circuito espacial de produção do açaí abastecido pela escala produtiva regional centralizada nas mesorregiões do Marajó, Metropolitana de Belém e Nordeste Paraense.

Na circulação estabelecida neste circuito os portos e feiras de Belém representam os principais componentes no estabelecimento do fluxo comercial popular do açaí. Na principal feira, o Ver-o-Peso, o açaí e dentre tantos produtos, é recebido e comercializado no Porto da Feira do Açaí, assim como a castanha, peixe, tapioca, originados das ilhas que fazem parte de Belém, e de outros municípios como Acará, Abaetetuba, Barcarena, Cametá, Moju, São Domingos do Capim e Igarapé-Miri. O açaí, como produto principal da comercialização neste porto, tem parte sendo consumida nas refeições diárias da feira do Ver-o-Peso, outra e uma maior quantidade vendida de madrugada no porto. O aumento da demanda pelo fruto no porto ocorre devido principalmente a chegada de vários caminhões de empresas exportadoras que transportam toneladas de açaí, percebendo aqui a interligação que o feirante realiza entre o produtor e consumidor final, ou seja, a conexão entre os circuitos urbanos (MONTENEGRO, 2014). Além da produção insular (produção de suas 39 ilhas) que compõe a cidade, o circuito inferior conta, além da Feira do açaí, com outras três feiras livres/portos de Belém - a Feira do açaí (Ver-o-Peso), Porto do Açaí, Porto da Palha e o Porto de Icoaraci – as quais possuem um fluxo intenso de entrada de açaí, recebendo um total 65.446.596 toneladas do fruto em 2011 (PMB, 2014). De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Belém entre as principais feiras e/ou portos de Açaí que comercializam o açaí, destacam-se:

Tabela 3: Principais de feiras/portos de recebimento e comercialização de açaí na RMB

Portos/Feiras	Localização	Embarcações/dia	Quant.açaí transp.(kg)/ano	Origens embarcações/açaí
Porto do Açaí	às margens do Rio Guamá, na Av. Bernardo Sayão, no bairro do Jurunas	20 a 30 embarcações	14.149.110	Acará, Anajás, Barcarena, Bujaru, Breves, Cametá, Chaves, Mojú, Muaná, Oeiras do Pará, Ponta de Pedras e S. D. Capim
Feira do Açaí	às margens da Baía do Guajará, no Complexo do Ver-O-Peso	30 a 40 embarcações	28.531.395	Abaetetuba, Acará, Anajás, Barcarena, Bujaru, Breves, Cachoeiro do Arará, Cachoeira do Piriá, Capitão Poço, Cametá, Chaves, Igarapé-Miri, Mojú, Muaná, Oeiras do Pará, Ponta de Pedras, São Domingos.do Capim, São Miguel do Guamá, São Sebastião da Boa Vista e Santa Luzia. Maranhão e Amapá
Porto da palha	às margens do Rio Guamá, no bairro da Condor	15 a 20 embarcações	1.523.085	Acará, Belém (Ilhas), Abaetetuba, Bujaru e São Domingos.do Capim
Porto de Icoaraci	às margens da Baía do Guajará. Em Icoaraci	20 a 25 embarcações	2.394.165	Belém (regiões das lhas), Cachoeira do Arará e Ponta de Pedras

Fonte: PMB, 2014.

Tais portos e/ou feiras do mercado local, demonstram a intensidade e fluxos do fruto na relação entre Belém e seu entorno estuarino. A conexão com rio desencadeou o desenvolvimento de atividades e relações sociais e comerciais entre diversas ilhas e cidades do Marajó e Nordeste Paraense, além de cidades do Maranhão e Amapá, no que se refere o abastecimento de açaí através da polarização exercida por Belém. O fluxo comercial entre produção insular que compõe o circuito inferior belenense, é sustentado pelo trânsito de embarcações que trazem não apenas açaí, como outras frutas, pescados e produtos florestais não madeireiros.

Outra dimensão relevante do circuito inferior da economia do açaí corresponde a uma ampla rede de batedores abastece a demanda de açaí na RMB. Segundo Silva (2017), os bairros de Belém que estão predominantes destes pontos de venda da polpa de açaí concentram-se na periferia da cidade, como o Jurunas, Guamá e Terra Firme, localizados na orla de Belém, dentre os quais estão porto e feiras que comercialização e recebem o fruto mediante o fluxo de embarcações. Estima-se aproximadamente 1128 pequenos estabelecimentos na região metropolitana de Belém, mediante dados utilizados pelo autor do Cadastro Nacional de Endereços para Fins Comerciais – CNEFE, construído pelo IBGE em 2010.

Na dinâmica da Feira do Ver-o-Peso que dentre a diversidade dos produtos comercializados ocorre o entrecruzamento de circuitos espaciais de produção que se aglutinam nesta grande feira. O açaí, o pescado e produtos hortifrutigranjeiros, advêm de

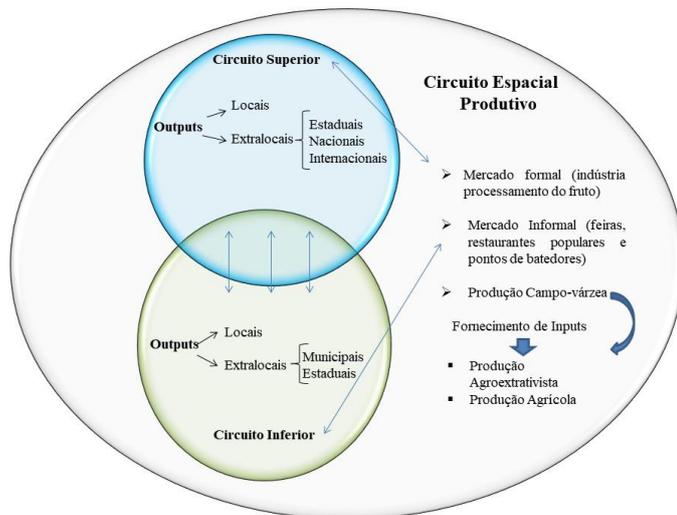
ilhas e municípios como Abaetetuba, Barcarena e Cametá, e elucidam como situações geográficas em que o circuito inferior se agrega a circuitos espaciais produtivos de relevância regional e desempenham técnicas não modernas nas etapas de produção, circulação e distribuição. Ressalta-se a existência de três arranjos distintos e formadores de um sistema econômico-produtivo do fruto, que inclui a produção agroextrativista e de cultivo, o mercado popular de comercialização do fruto, e o mercado de processamento e exportação do açaí, dinâmicas interligadas e interdependentes que possuem como eixo transacional e cenário aglutinador a cidade de Belém.

3.2 A dimensão espacial produtiva da economia do açaí na RMB

A partir da identificação dos circuitos inferior e superior da economia do açaí, torna-se possível interpretar a configuração de um circuito espacial produtivo do açaí em trajeto e no que consiste o desenvolvimento de um mercado potencial no setor de fruticultura do Estado do Pará, e que engloba fortes elos entre as atividades enraizadas a produção tradicional, a economia urbana de Belém e o consumo em diversas dimensões espaciais, em vistas de seu papel na economia regional, nacional e internacional. A RMB representa lugar central, ponto de confluência e interação de circuitos espaciais produtivos, tendo a economia do açaí seu próprio circuito espacial produtivo através dos processos de produção, distribuição e consumo estabelecidos por fluxos materiais desenvolvidos em cada circuito – inferior ou superior – e entre eles.

A ilustração apresentada na figura 3 visa retratar a relação entre circuito inferior e superior, seus alcances e a composição do circuito espacial produtivo frente a seu papel de abrangência dos dois circuitos. Os processos produtivos presentes no circuito superior e no circuito inferior configuraram interações socioeconômicas capazes de englobar diversas dimensões e formatos produtivos. O circuito inferior gera outputs para o âmbito local e extralocal, atendendo a demanda interna do Estado do Pará e de alguns outros Estados da Região Norte. O circuito superior promove os outputs locais e extralocais de alcance nacional e internacional. A produção do meio rural faz parte de ambos os circuitos, desenvolvidas tanto pela produção agroextrativista, quanto pela produção agrícola, os quais são responsáveis pela geração de inputs do circuito inferior e do circuito superior da economia do açaí, ou seja, os fluxos materiais que dinamizam a organização e a relação entre os circuitos.

Figura 3: Sistema urbano e espacial produtivo da Economia do açaí



Fonte: SANTOS, 2008; MONTENEGRO, 2014. Elaboração própria.

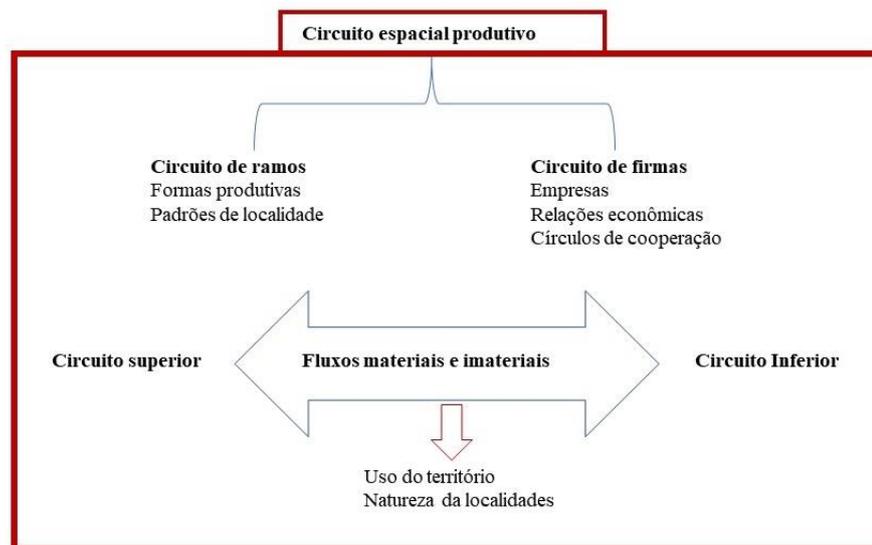
A ilustração da figura 3 expõe a configuração do circuito espacial produtivo da economia do açaí, considerando interações, complementariedades e entrelaçamentos de dimensões distintas, mas que dinamizam o sistema mediante a sinergia produtiva e econômica que envolve o mercado do açaí. Os processos produtivos presentes no circuito superior e no circuito inferior configuraram interações socioeconômicas capazes de englobar diversas dimensões e formatos produtivos. Juntamente com a produção campo-várzea, integram um subsistema espacial produtivo que agrega todos os processos e fases da produção, transformação, beneficiamento e diversificação do açaí, cada um participando com respectivas funções e abrangências, mas todos integrando um complexo sistema socioespacial e urbano – um circuito espacial produtivo - em torno da economia das mesorregiões: Metropolitana de Belém, Marajó e Nordeste do Estado do Pará.

O circuito inferior representado pelo mercado informal do açaí, constituídos por feiras, restaurantes populares, pontos de batedores, agentes como atravessadores, marreteiros, batedores, barqueiros, carregadores e feirantes, propagam a geração de fluxos anuais de outputs para o âmbito local e extralocal, atende a demanda interna da capital, e de alguns municípios da RMB. O circuito superior composto pelo mercado formal do açaí, incluindo empresas exportadoras e de processamento do fruto, encontra-se disseminado principalmente na região do Nordeste paraense e na RMB promovendo outputs locais e extralocais de alcance nacional e internacional. A produção campo-várzea desenvolve a geração de inputs para os processos produtivos do circuito inferior e do circuito superior do açaí, sendo um segmento representado pelas produções cultivadas através da agricultura e do agroextrativismo do açaí.

Ao tratar do circuito superior belenense da economia do açaí, se pode destacar características similares ao que relatado anteriormente como circuito superior marginal. Apesar da expansão do mercado consumidor externo (nacional e internacional), e diversificação do uso da polpa do açaí levando a ampliação da escala de produção média,

ainda estão sendo realizadas alterações na planta das fábricas das agroindústrias e diversificação da linha de produção com a criação de uma oferta de mixes do açaí com outras frutas, cereais, guaraná, dentre outros ingredientes, entretanto ainda não se pode definir como desenvolvimento de práticas industriais com tecnologia de ponta, mas sim com atividades de fabricação moderna marginal com baixa tecnologia e capacidade organizacional integrando os fluxos materiais do circuito espacial produtivo.

Figura 4: Interpretação do circuito espacial produtivo da economia do Açaí



Fonte: Adaptação de Santos (1988) e (2008), Frederico (2014) e Frederico e Castillo (2010). Elaboração própria.

De acordo com a figura 4, o circuito espacial produtivo agrega a forte interação de grupos da economia popular e da economia privada, encontrados nos circuitos inferior e superior, respectivamente. Tais circuitos interagem subsistemas de empresas e diversos ramos sejam produtivos rurais ou do mercado popular que possuem abrangência relativa aos padrões da localidade inserida e de sua hinterlândia. Se estabelecem trocas, ou seja, fluxos materiais e imateriais entre circuito inferior e superior, mediante a trajetória de ocupação do território e da capacidade de centralidade de cada localidade.

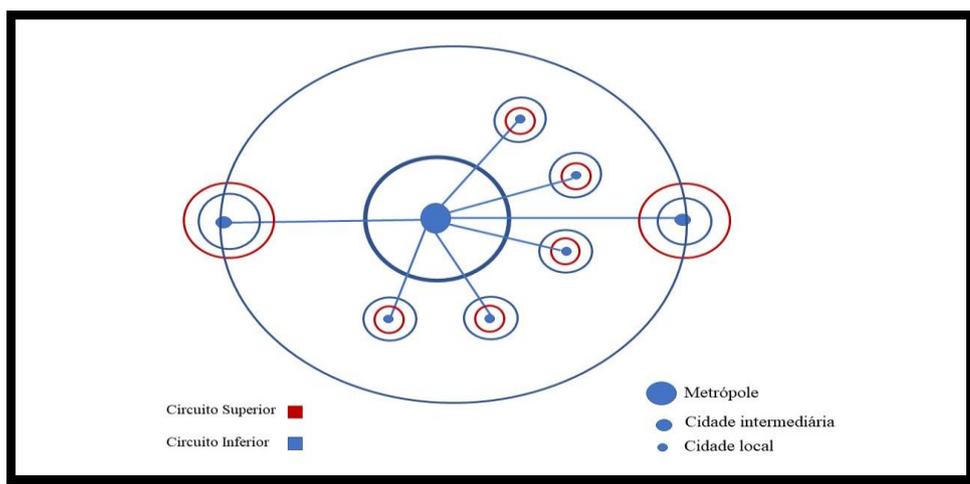
A representação do circuito espacial produtivo da economia do açaí expõe que sua configuração está diretamente atrelada aos fenômenos, interações, complementariedades que ocorrem nos circuitos menores que fazem parte do todo espacial produtivo, dinamizam o sistema mediante a sinergia produtiva e econômica que envolve, mercados como o mercado do açaí. Compreende-se que agentes da indústria de processamento de açaí e o mercado informal de açaí, articulam-se e compõe os circuitos inferior e superior da economia urbana de RMB, desenvolvendo o que denominamos de circuito espacial produtivo da economia do açaí na Amazônia, fornecendo e abastecendo comunidades locais, a capital paraense, diversos estados e países.

Pontua-se a partir de então as contribuições de Corrêa (2014) e da composição que estrutura o circuito espacial produtivo do açaí, dada a dinamização dos fluxos existente

entre circuito superior e inferior, evidencia-se a representação da articulação hierárquica e de centralidades da economia do açaí, exercidas pelas cidades integrantes da RMB. Tendo em questão os três níveis hierárquicos – metrópole, cidade intermediária e cidade local – considera-se em primeira instância Belém como metrópole, as cidades de Ananindeua e Castanhal cidades intermediárias, e as cidades de Marituba, Santa Bárbara do Pará, Santa Izabel do Pará, Benevides e Barcarena como cidades locais.

No circuito inferior da economia do açaí, acredita-se que nos três níveis o alcance espacial mínimo é reduzido. Neste circuito o alcance espacial máximo apresenta-se relativamente maior nas cidades locais, do que nas cidades intermediárias. E na metrópole o alcance espacial máximo tende a se confundir com os limites urbanos, pois este circuito na metrópole atende em maior proporção a demanda do mercado popular desconcentrado na cidade e balizado nas atividades do circuito inferior. No que consiste o circuito superior, o alcance espacial mínimo tende a ser expressivo, mas variante na metrópole e nas cidades intermediárias, e na economia do açaí se pode destacar que o circuito encontra-se ainda no modo marginal ou emergente. Nas cidades locais, o alcance mínimo é relativo, a priori cabe destacar a presença de algumas indústrias de processamento de açaí em cidades como Santa Bárbara, ou seja, existem funções desse circuito em algumas cidades locais da RMB – Ver Figura. O alcance espacial máximo do circuito superior é inexistente na cidade local. Na metrópole e nas cidades intermediárias o alcance espacial máximo também tem expressão relativa, para a economia do açaí em RMB, o circuito superior possui significativo alcance espacial máximo, pois este circuito estabelece as relações com as áreas de influência e apresenta distribuição de bens e serviços de forma descontínua, de acordo com a figura 5.

Figura 5: Hexágono da TLC, alterado pelos dois circuitos da economia urbana do açaí em RMB

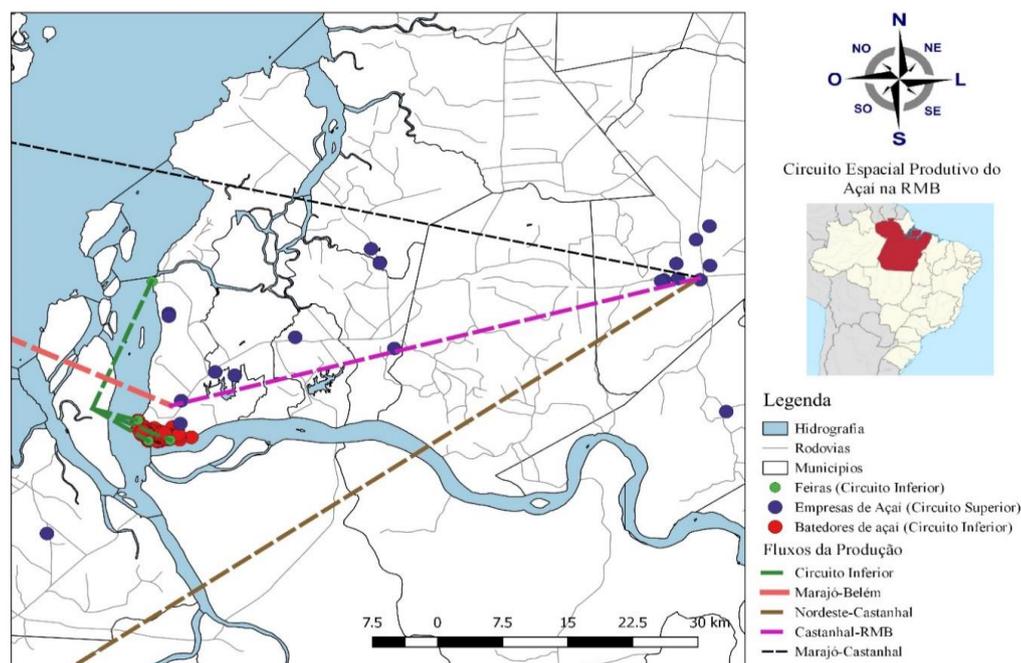


Fonte: Adaptação de Corrêa, 2014. Elaboração própria.

A existência de um mercado em ascensão se torna possível no desenvolvimento dos fluxos e centralidades irradiadas pelos circuitos superior e inferior da economia do açaí. Da produção agroextrativista e agrícola, do mercado externo e da indústria se estendem movimentos da demanda extralocal, em reposta o circuito espacial produtivo perpassa por

iniciativas de ampliação de escala e transformação dos processos produtivos, cenário estruturante de novas escalas de comercialização e desestruturante da cultural agroextrativista e tradicional ainda vigente. Diante da complexificação da economia do açaí, identifica-se a formação e determinação de três arranjos distintos e formadores de um circuito espacial produtivo do fruto, que inclui a produção agroextrativista e de cultivo, o mercado popular de comercialização do fruto, e o mercado de processamento e exportação do açaí, dinâmicas interligadas e interdependentes que possuem como eixo transacional e cenário aglutinador a cidade de Belém.

Figura 6: Espacialização do Circuito espacial produtivo da economia do açaí



Fonte: Silva (2017), SindFrutas (2017). Elaboração da autora.

A representação em questão de forma incipiente, a dinâmica do circuito espacial produtivo da economia do açaí, indicando os fluxos de produção advindos das mesorregiões do Marajó, Nordeste Paraense e ilhas de Belém – principais produções Igarapé Miri, Abaetetuba e Cametá - ,em direção ao abastecimento do mercado popular e mercado das indústrias de processamento de polpa de açaí. Demonstra também a existe de intensa de batedores artesanais de açaí principalmente concentrados nos bairros Jurunas, Condor,Cremação e Guamá, e visualizados por meio de amostra de pontos de venda identificados tese de Silva (2017). Como representantes do circuito inferior e responsáveis pelo recebimento da produção estão as feiras livres, tendo como principal participação como porto, está a feira do Açaí, localizada na Feira do Ver-o-Peso. Desta forma se irradia também, o abastecimento do circuito superior na cidade para os batedores tipo 2, para restaurantes e redes atacadistas e varejistas, além das indústrias presentes também nas cidades de Ananindeua e Castanhal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização da vida econômica se dissemina em mercados como do açaí na RMB, se estruturam compondo os dois circuitos. O que nos induziu a interpretar a configuração de um circuito espacial produtivo da economia do açaí. Sendo a RMB representação do lugar central, ponto de confluência e interação de circuitos espaciais produtivos, compreende-se a economia do açaí como um destes circuitos espaciais produtivos, desenvolvido através dos processos de produção, distribuição e consumo estabelecidos por fluxos materiais e imateriais desenvolvidos em cada circuito – inferior ou superior – e entre eles. Acredita-se que o circuito espacial produtivo agregaria neste sentido forte interação de agentes econômicos dos circuitos inferior e superior.

Tais circuitos interagem subsistemas de empresas e diversos ramos sejam produtivos rurais ou do mercado popular que possuem abrangência relativa aos padrões da localidade inserida e de sua hinterlândia. A formação e trajetória destes circuitos estão atreladas a trajetória de ocupação do território e da capacidade de centralidade de cada localidade. E nesta perspectiva, ressalta-se as contribuições da teoria de localidades centrais christallianas, no que permite adaptar a configuração do hexágono dos da hierarquia dos centros urbanos pautada nos alcances espaciais mínimos e máximos de cada circuito existente nas cidades que compõe a RMB.

O circuito espacial produtivo do fruto, que inclui a produção agroextrativista e de cultivo, o mercado popular de comercialização do fruto, e o mercado de processamento e exportação do açaí, dinâmicas interligadas e interdependentes que possuem como eixo transacional e cenário aglutinador a cidade de Belém. Isto demonstra como processos e fluxos produtivos, materiais e imateriais podem se materializar em uma economia periférica como Belém. Balizada na intensa dinamização do circuito inferior, por representantes emergentes no que tange a indústria que configura um circuito superior marginal, mas que tem impulsionado a produção primária, o que pode significar a fragilização da produção agroextrativista tradicional do açaí nas regiões de várzea. Entretanto a RMB permanece estruturada na base do setor terciário, sustentado de forma significativa pelo comércio popular do açaí, pelo potencial cultural ainda enraizado nos padrões de consumo de Belém.

De forma preliminar demonstrou-se os processos e fluxos produtivos e materiais que se desenvolvem na economia subdesenvolvida da RMB. Balizada na intensa dinamização do circuito inferior, por representantes emergentes no que tange a indústria que configura um circuito superior marginal, mas que tem impulsionado a produção primária. Entretanto a RMB permanece estruturada na base do setor terciário, sustentado de forma significativa pelo comércio popular do açaí, pelo potencial cultural ainda enraizado nos padrões de consumo de Belém, resistentes segundo Costa (2012) devido o papel de um centro urbano dependente economicamente do uso de recursos naturais e de seus retornos financeiros conectados a mercados globais, movimentos que resultantes da urbanização amazônica, que encontra na natureza o alicerce e a força *produtiva viva* para sua continuidade.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ACERVO FUNDIARIO. INCRA, 2016. Disponível:
<<http://acervofundiario.incra.gov.br/i3geo/interface/incra.htm>> Acesso 29 mai 2017.

BARRIOS, Sonia. Sobre la Construcción del Espacio. Cuadernos del CENDES, n. 8, jul, 1976.

BRAGA, Rhalf Magalhães. Tendências e perspectivas das teorias locacionais no capitalismo contemporâneo. GEOGRAFARES, nº 6, 2008.

BREITBACH, Áurea Côrrea de Miranda. Estudo sobre conceito de região. Secretaria de Coordenação e planejamento. Fundação de Economia e estatística. N 13, Porto Alegre, 1988.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S.. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. Revista Sociedade & Natureza, Uberlândia, 22 (3). 2010. p. 461-474. Disponível em: <http://ricardoantasjr.org/wp-content/uploads/2013/05/CASTILLO-FREDERICO-2010.pdf>

COSTA, F. (2012). Formação agropecuária na Amazônia, o desafio do desenvolvimento sustentável. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA).

COSTA, F de A., ANDRADE, W. D. C. de, SILVA, F. C. F. da. (2006) O arranjo produtivo de frutas na região polarizada por Belém do Pará. In: LASTRES, E. CASSIOLATO, J. (ORG) Estratégias para o desenvolvimento: um enfoque sobre Arranjos Produtivos Locais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste Brasileiros. Rio de Janeiro: E-Papers.

COSTA, F.A., ANDRADE, W. D. C., ANDRADE, A. M., LEONEL, M. C., BRANCHER, P., MAGALHÃES, R. S., BREDERODES, R. (2003) A Cultura de Açaí no Brasil e no Pará: aspectos estruturais de produção e mercado. Belém, Agência de Desenvolvimento Solidário-ADS/Amazônia.

DINIZ, Sibelle Cornélio da. Do precário ao plural: realidades e possibilidades da economia popular no Brasil contemporâneo. Tese de doutorado. Cedeplar – UMFG. Belo Horizonte, 2016.

CORRÊA. Roberto L. A rede de localidades centrais. 1988. Disponível em:

CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. Bertrand Brasil. 7ª ed. Rio de Janeiro, 2014.

_____. Interações Espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1997.

CORAGGIO, J. L. Social forms of space organization and their trends in latin américa, antipode, 9 (1), 1977,p 14-28.

FREDERICO, Samuel. Circuito espacial produtivo do café e o jogo de escalas. Mercator, Fortaleza, 2014.

FRESCA, Tânia Maria. Rede urbana, níveis de centralidade e produção industrial: perspectivas para um debate. Encuentro de Geografos de America Latina 12. 2009.

IBGE - Banco de dados agregados. Produção Agrícola Municipal (PAM) – Açaí. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=289&z=t&o=18>> Acesso em 5 J. jan 18.

MONTE-MÓR, Roberto Luís; LINHARES, Lucas. Urbanização Extensiva: expressões no Brasil. In: REIS, Nestor Goulart (organizador). Sobre Dispersão Urbana. Via das Artes, 1 ed. São Paulo, 2009.

MONTENEGRO, Marina Regitz. Globalização, trabalho e pobreza nas metrópoles brasileiras. São Paulo: FAPESP; Annablume, 2014.

SANTOS, Milton. Economia Espacial: Críticas e alternativas. Coleção Milton Santos. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

_____. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Edusp. São Paulo, 2008.

_____. A natureza do espaço. 2006.

_____. Metamorfoses do espaço habitado. Hucitec. São Paulo, 1988.

SILVA, Harley. Socialização da natureza e alternativas de desenvolvimento na Amazônia Brasileira. Tese de doutorado em economia. CEDEPLAR- UFMG, 2017. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FACEAP8RH2/harley_silva___tese_doutorado.pdf?sequence=1

SINDFRUTAS. – Sindicato de indústrias de frutas e derivados do Estado do Pará. Lista de associados. 2017. Fornecida por email.

TAVARES, Geraldo dos Santos Tavares; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. Comercialização do açaí no estado do Pará. Alguns comentários. Observatorio de la economia latino-americana, 2015.